

Abordagem qualitativa, pesquisa colaborativa e verdades pravidas sobre ensino de língua portuguesa /

Qualitative approach, collaborative research and prava truths about Portuguese language teaching

*Silvio Nunes da Silva Júnior**

Doutorando e mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas (PPGLL/UFAL). Professor substituto de Linguística da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e da Universidade de Pernambuco (UPE/Garanhuns).

 <http://orcid.org/0000-0003-1753-399X>

Recebido em: 28 fev. 2021. **Aprovado** em: 13 abr. 2021.

Como citar este artigo:

SILVA JÚNIOR, Silvio Nunes da. Abordagem qualitativa, pesquisa colaborativa e verdades pravidas sobre ensino de língua portuguesa. *Revista Letras Raras*, Campina Grande, v. 10, n. 2, p. 269-277, abr. 2021. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10116065>

Minha inserção na área transdisciplinar da Linguística Aplicada tem possibilitado a constituição de observações sensíveis acerca dos acontecimentos dos quais participo como sujeito social. Em uma pesquisa recente (SILVA JÚNIOR, 2019), precisei reelaborar ações e reflexões mediante o contexto que me foi apresentado quando me contextualizei dentro de uma escola da rede pública de um município do interior de Alagoas. A realidade encontrada me impossibilitava de efetuar uma pesquisa-ação, principalmente pelo fato de não ter uma turma disponível para que eu assumisse efetivamente a regência do componente curricular Língua Portuguesa no ensino fundamental. Isso me fez repensar diversos elementos, até que surgiu a ideia de propor o desenvolvimento de uma pesquisa de colaboração, ou pesquisa colaborativa. Esse segmento foi essencial para o sucesso da investigação realizada e me abriu diversos caminhos para refletir continuamente sobre o caráter processual das pesquisas qualitativas, em especial as que estão vinculadas à área da Linguística Aplicada. Além disso, tive como recurso a Teoria Dialógica da Linguagem, que, com considerações filosóficas, traz contributos para

*

 junnyornunes@hotmail.com

discussões sobre a pesquisa em ciências humanas, que se encontra longe de fronteiras quantitativas devido à preocupação com os acontecimentos sociais. Por essa razão, diante da discussão de verdade em Bakhtin (2012), observei que a pesquisa colaborativa, bem como a abordagem qualitativa no geral, gira em torno de verdades *pravdas*, especialmente no que se refere à empreendimentos de pesquisa sobre ensino de língua portuguesa. Foi tal inter-relação que estimulou a escrita deste trabalho.

Numa visão panorâmica, Rohling (2014, p. 48-49), ao discutir sobre as ações de pesquisa qualitativa em investigações que se apropriam da Teoria Dialógica da Linguagem, destaca que a abordagem qualitativa coloca o pesquisador num “lugar ético-responsivo no ato de se fazer pesquisa, um lugar de não-álibi em que ele não pode não dizer/calar e, ao mesmo tempo, não pode fragilizar o campo e desqualificar ou silenciar os sujeitos implicados na pesquisa (responsabilidade moral)”. Assim, a escolha de um objeto de pesquisa e seu respectivo tratamento é tomado pela autora numa perspectiva de ato responsável, que remete à Bakhtin (2012), quando traz uma reflexão densa sobre a responsabilidade do ato no existir-evento, que não se detém em apenas um sujeito da linguagem, mas a muitos deles, estabelecendo relações responsáveis, além de responsáveis.

Com isso, a própria ação de pesquisa qualitativa já indica uma noção de mundo ampla e múltipla, considerando a diversidade de sujeitos que emergem de situações histórico-sociais diversas, as quais, naturalmente, não são planejadas antes de uma determinada interação discursiva. Volóchinov (2017) contribui com esse pensamento ao mencionar que a interação discursiva é a realidade fundamental da língua. Em articulação com a discussão aqui proposta, o autor vai evidenciar que investigações imbuídas em práticas sociais só são possíveis a partir de produções discursivas nas mais diferentes modalidades de linguagem, mas, principalmente, na oralidade e na escrita. Nessa linha de pensamento, levando em conta o objetivo de cruzar vozes que impliquem ponderações sobre ensino de língua portuguesa, posso inferir que uma compreensão de língua viva (VOLÓCHINOV, 2017) e realizada em interações discursivas, que são, sobretudo, sociais, traz à tona uma abordagem dialógica de ensino (SILVA JÚNIOR; SANTANA, 2020), ressaltando que em pesquisas que se dedicam à observação de contextos reais de aprendizagem de uma determinada língua não se pode defender concepções de linguagem abstratas, tradicionais e, conseqüentemente, excludentes.

Dessa forma, por possibilitar “uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes

que somente são perceptíveis a uma atenção sensível” (CHIZZOTTI, 2003, p. 221), a abordagem qualitativa tem potencial suficiente para trazer transformações, das mais pequenas às mais amplificadas, a depender das necessidades de um contexto, dos sujeitos nele inseridos e da própria ousadia do pesquisador ao lidar com seus dados. Nesse sentido, tomando o caráter fundamentalmente interpretativista do paradigma qualitativo (CHIZZOTTI, 2003), comungo da ideia de que variados elementos dialogam entre si na defesa de uma visão de pesquisa inconclusa, dialógica e híbrida. Essa multiplicidade de adjetivações coloca a pesquisa qualitativa num *status* que vai além de uma noção limitada de método, permitindo considerar que todo empreendimento investigativo qualitativo é beneficiado por “reflexões críticas” (DE GRANDE, 2011, p. 25) que não vêm somente do pesquisador/interpretador. O grande diferencial de pesquisas qualitativas é o papel ativo do colaborador, que não se situa numa posição passiva ou pacífica, mas que questiona, problematiza e cria explicações para fenômenos diversos na vida social.

De Grande (2011) alerta para a questão da neutralidade do pesquisador, conceito próprio da ciência clássica, que não é primado por pesquisas qualitativas, uma vez que é na defesa de seus valores ideológicos que pesquisadores podem articular seus dados com contextos, histórias, sujeitos e aspectos culturais variados. Dessa maneira, é de suma necessidade que se ressalte o olhar do colaborador da pesquisa para os diversos acontecimentos que surgem em ações de pesquisa qualitativa. Isso contribui para que se veja, na prática, que “nem o fazer ciência nem a linguagem são neutros e descomprometidos” (DE GRANDE, 2011, p. 25). É nesse âmbito que se destacam pesquisas sobre práticas escolares, em qualquer que seja o nível de ensino ou o componente curricular. Pesquisas em sala de aula costumam explorar diferentes dimensões, as quais, muitas vezes, não são nem pensadas, quanto menos planejadas pelos pesquisadores não somente da área da Educação, mas da Linguística Aplicada e da Antropologia, por exemplo. A esse respeito, André (2008) defende que o estudo da prática escolar jamais pode ser limitado a um mero retrato do cotidiano de determinada escola ou sala de aula. A autora depreende que há contradições, dimensões e mudanças que se dão num movimento, o qual, a meu ver, é social e discursivo. Nessa perspectiva, André (2008) se torna uma voz que auxilia o debate sobre a não-neutralidade das ações de pesquisa em sala de aula, visto que experiências práticas podem reformular todo um estudo, o que deixa em tela a imprevisibilidade natural da vida, que é intrincada em qualquer plano de pesquisa de abordagem qualitativa.

Considerando essa visão geral de pesquisa qualitativa, há de se levar em conta a existência (ouso dizer emergente) de vertentes de pesquisa, que são responsáveis, em linhas gerais, por categorizar interpretações e ações de sujeitos no desenvolvimento das investigações. Dentre as vertentes mais conhecidas, se destacam o estudo de caso, “investigação profunda e exaustiva de um participante ou pequeno grupo” (LEFFA, 2006, p. 14); a etnografia, estudo denso de culturas de povos/comunidades em diferentes situações de vivência; e a pesquisa-ação, na qual “há uma ampla e explícita interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada” (ZOZZOLI, 2006, p. 125). Esta última se concebe, há muitos anos, como uma das mais abrangentes vertentes de pesquisa qualitativa, justamente pela aplicabilidade de suas bases em investigações em contextos múltiplos e com temas próximos e distantes uns dos outros. Por essa razão, a pesquisa-ação passou a ser mais bem delimitada e, atualmente, tem sido encontradas algumas adjetivações para ela, a saber: pesquisa-ação técnica, pesquisa-ação socialmente crítica, pesquisa-ação colaborativa etc.

O que se tem chamado de pesquisa-ação colaborativa, na minha compreensão, pode ser reduzido para pesquisa colaborativa, uma vez que o conceito de colaboração agrega ações e interações entre sujeitos¹, incluindo pesquisadores, para o desenvolvimento de determinada prática social. Para Horikawa (2008, p. 27), a pesquisa colaborativa vem “contribuindo para a elaboração de novas compreensões acerca dos trabalhos realizados na instituição escolar, estabelecendo um compromisso da academia de também se engajar na busca das soluções para as problemáticas [...] apresentadas” (HORIKAWA, 2008, p. 27). Nesse viés, a pesquisa colaborativa assume sua finalidade social de propiciar novas compreensões para acontecimentos da vida social, o que vai compactuar com a noção de multiplicidade de vozes, calcada por Bakhtin (2011), em que se afirma que os discursos são todos povoados por diferentes vozes, provindas de sujeitos e contextos diferentes no tempo e no espaço. Assim, ao entender a possibilidade de se produzir novas compreensões para fenômenos, a pesquisa qualitativa vai articular uma posição favorável ao que defende a Teoria Dialógica da Linguagem. Entretanto, me oponho à busca por soluções de problemáticas (HORIKAWA, 2008), por entender que nenhuma pesquisa consegue solucionar uma problemática por completo. A investigação científica vai estudar fenômenos de um determinado contexto de modo a apontar caminhos possíveis para alguma transformação. Acredito, assim, que o termo solução deposita no

¹ A definição de colaboração, para o Dicionário On-line de Português, é: O trabalho feito pelos colaboradores, contribuição. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/colaboracao/>

pesquisador uma responsabilidade que não está ao seu alcance, dado o caráter móvel das práticas sociais.

De acordo com Ibiapina (2008), quando o pesquisador aproxima suas preocupações das preocupações dos professores/colaboradores, há uma reflexividade crítica que cria condições para que esses sujeitos revejam seus conceitos e práticas. Sob essa ótica, a autora vai afirmar que a pesquisa colaborativa foi desenvolvida com maior enfoque para o campo da Educação, com vistas a implicações na formação continuada de professores que possam promover práticas de ensino mais próximas das realidades de cada instituição. Há, desse modo, dimensões que atravessam as construções de saberes na academia e na escola. No caso do ensino de língua portuguesa, por exemplo, investigações sobre oralidade, escrita, leitura e gramática ganham roupagens contemporâneas dentro de ações e reflexões docentes amparadas por pressupostos teóricos advindos de diferentes áreas do conhecimento, como a Filosofia da Linguagem, na qual se insere a Teoria Dialógica.

Ainda sobre pesquisa colaborativa, Bortoni-Ricardo (2008) entende que ela integra todo um conjunto de pesquisas críticas. Nesse conjunto se encontram a etnografia convencional, a pesquisa-ação socialmente crítica, dentre outras. Corroboro com a visão da autora que compreende o papel da pesquisa colaborativa de “promover mudanças no ambiente pesquisado” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 71), e não de apontar soluções para problemáticas que emergem das interações sociais de variados sujeitos. Nessa perspectiva, Bortoni-Ricardo (2008) afirma, também, que com tal objetivo a pesquisa colaborativa se torna emancipatória, pois demonstra que os sujeitos, quando trabalham em colaboração, percebem seus papéis ativos, responsivos e responsáveis. É sob essa premissa que questiono a noção de verdade que circunda investigações qualitativas na vertente colaborativa, uma vez que, por ser situada, a pesquisa não pode ser limitada a uma concepção de verdade única, mas, sim, de verdades diversas, que surgem de interações discursivas imbricadas nas práticas sociais.

Conforme explica Bakhtin (2012), nas ciências humanas têm se definido dois olhares sobre a verdade. No primeiro, a pesquisa tem sua condição estável de buscar uma verdade universal, ao que chama de *istina* (BAKHTIN, 2012). Esse é um conceito que impede de uma pesquisa orientar novas inquietações, visto que há uma defesa de pesquisa como círculo fechado e impróprio ao diálogo, o qual, para Bakhtin (2011), é natural da vida. No segundo conceito de verdade, Bakhtin (2012) defende uma posição sobre verdade que é intrincada a um tom *emotivo-volitivo ativo* que anuncia novas expressões de verdade a cada investigação

desenvolvida. O mesmo autor vai denominar esse segundo conceito de verdade *pravda* (BAKHTIN, 2012), que emerge de momentos únicos no existir evento singular, composto, sempre, por sujeitos diferentes, carregando valores axiológicos distintos que se inter cruzam no fluxo dialógico da vida social. Dessa maneira, o sentido, "integrado no evento singular e único do existir [...], que se realiza através de uma [...] consciência responsável em um ato-ação real" (BAKHTIN, 2012, p. 58), se articula a uma verdade, nunca igual a uma verdade nem a um sentido já existente. Há, diante disso, alguns movimentos no transcorrer de uma pesquisa qualitativa (própria das ciências humanas e sociais), como o "eu-para mim, o outro-para-mim e eu-para-o-outro" (BAKHTIN, 2012, p.114)

A noção de verdade *pravda* vai, em linhas gerais, compreender uma ação de pesquisa na qual o pesquisador tenha sua "assinatura colocada no final" (BAKHTIN, 2012, p. 94). Isso quer dizer que dentro de uma verdade *istina* não seria possível ter base na dimensão da não-neutralidade do pesquisador, pois, por estar situada num círculo fechado, o pesquisador, levando em conta uma verdade *istina*, estaria condicionado ao ato de descrever, e não ao ato de interpretar fenômenos. Com isso, a abordagem qualitativa, e suas respectivas vertentes, como a colaborativa, leva em conta o conceito de verdade *pravda*, dada a multiplicidade de vozes e sentidos que são responsáveis pelos caminhos que a investigação sobre as práticas sociais pode tomar, considerando que, segundo Bakhtin (2012, p. 83), a linguagem é "muito mais adaptada para exprimir exatamente esta verdade (a do evento do ser) do que para revelar o aspecto lógico abstrato na sua pureza". É nesse caminho que, como pesquisador e professor de língua portuguesa, encontro, numa pesquisa por mim desenvolvida, algumas verdades *pravdas*, que foram reveladas por ações de pesquisa situadas. Tais verdades são concretas, como dito anteriormente, ultrapassam os limites da mera abstração e podem ser reconfiguradas no fluxo dialógico da vida.

A pesquisa colaborativa que serve como base para este ensaio (SILVA JÚNIOR, 2019) teve como objetivo implementar atividades didáticas de língua portuguesa no ensino fundamental as quais relacionassem os eixos que compõem este ensino, a saber: leitura, escrita, gramática e oralidade. A inquietação surgiu do apagamento da oralidade de muitas atividades de ensino que foram desenvolvidas no meu período de estágio supervisionado. O planejamento das ações e a aplicação das atividades se deram em parceria com uma professora regente de uma turma de 9º ano do ensino fundamental numa escola da rede pública municipal de um município situado no interior do estado de Alagoas. Os resultados obtidos através dos atos responsáveis (BAKHTIN,

2012) soam como verdades *pravdas*, quando considero a diversidade de salas de aula, de professores, pesquisadores, alunos etc. Assim, elenco alguns dos resultados/verdades que emergiram da citada pesquisa:

- O trabalho com a leitura se torna mais significativo quando acompanhado de discussões em conjunto que abordem o tema do texto lido, este tendo sido ou não produzido pelo aluno;
- O ensino da escrita, para além de elementos estruturais da língua, é mais bem desenvolvido quando acompanhado de práticas de produção oral que levem os alunos a refletirem antes de produzirem um texto;
- O trabalho com a gramática pode ser ressignificado a partir de ações pedagógicas que valorizem a língua falada pelos alunos, o que pode ser um veículo para que os alunos percebam as finalidades do estudo da forma da língua para suas práticas linguístico-discursivas;
- A oralidade é uma modalidade de grande relevância para que a sala de aula de língua portuguesa seja concebida como uma arena dialógica de construção de conhecimentos sobre uma dada língua, bem como sobre as práticas sociais diversas.

Esses aspectos que, dentro de uma abordagem qualitativa, não podem ser caracterizados como únicos e estanques, mediante o fluxo dialógico da vida, reafirmam as diversas afirmações apresentadas no decorrer deste texto. As práticas de leitura em aulas de língua portuguesa podem ser potencializadas a partir de uma visão social que ultrapassa os limites da decifração do código linguístico. A diversidade de construções de sentidos por meio da leitura favorece a produção processual e dinâmica de textos escritos levando em conta todo um conjunto de situações histórico-sociais, implicando articulações constantes entre leitura, escrita, gramática e oralidade, considerando que a forma linguística, na perspectiva dialógica, tem sua pertinência, porém é ineficaz quando se desvincula da realização viva e discursiva dos enunciados. As considerações possíveis por meio da pesquisa colaborativa desenvolvida numa sala de aula de língua portuguesa no ensino fundamental frutificam a compreensão de que as verdades *pravdas* ressaltam a importância da reflexão situada e dos atos responsáveis do pesquisador, principalmente em pesquisas colaborativas, que abarcam, ainda, o olhar do colaborador para todo o processo de produção dos dados.

Diante das considerações apresentadas no decorrer deste ensaio, pude evidenciar aspectos que me inquietam há algum tempo e não haviam sido circunscritos numa produção

acadêmica. Espero, com isso, que os horizontes da abordagem qualitativa sejam cada vez mais ampliados, objetivando que haja realmente pesquisas situadas em práticas sociais, principalmente naquelas praticadas e norteadas por sujeitos em situações de exclusão, como os alunos das escolas públicas. Acreditando no potencial das pesquisas colaborativas, vejo nelas possibilidades de ressignificação de diferentes práticas, em especial as de ensino de língua portuguesa, considerando que o trabalho em parceria e colaboração pode implicar diversos contributos para a formação dos alunos. Todo esse conjunto representa as multifaces de uma língua viva (VOLÓCHINOV, 2017) e os atos responsáveis que constituem verdades *pravdas* no contexto de uma área transdisciplinar e multidimensional como a Linguística Aplicada² (ZOZZOLI, 2020, 2021). É na valorização dos saberes e no reconhecimento da seriedade de pesquisas no existir-evento que se pode lutar por um mundo melhor, longe de padronizações e mais próximo de atitudes ativas e, sobretudo, democráticas.

Referências

ANDRÉ, M. *Etnografia da Prática Escolar*. Campinas: Papirus, 2008.

BAKHTIN, M. M. *Para uma filosofia do ato responsável*. Trad. de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. Trad. P. Bezerra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BORTONI-RICARDO, S. M. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. *Revista Portuguesa de Educação*, v. 16, n. 2, p. 221-236, 2003.

DE GRANDE, P. B. O pesquisador interpretativo e a postura ética em pesquisas em Linguística Aplicada. *Eletras*, v. 23, n.23, p. 11-27, dez. 2011.

² Para Zozzoli (2020), a Linguística Aplicada é uma área transdisciplinar que considera a pluralidade de vozes nas investigações nela imbricadas. A mesma autora entende, também, que a Linguística Aplicada se apoia em uma concepção de conhecimento dinâmico e multidimensional, contrária à divisão disciplinar e à separação e à fragmentação teóricas e de áreas ainda muito comuns no meio acadêmico, em vários campos do conhecimento (ZOZZOLI, 2021).

HORIKAWA, A. Y. Pesquisa colaborativa: uma construção compartilhada de instrumentos. *Revista Intercâmbio*, São Paulo, v. 18, p. 22-42, 2008.

IBIAPINA, I. M. L. M. *Pesquisa colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimentos*. Brasília: Liber Livro Editora. 2008.

LEFFA, V. J. Aprendizagem de línguas mediada por computador. In: LEFFA, V, J. (Org.). *Pesquisa em linguística Aplicada: Temas e métodos*. Pelotas: EDUCAT, 2006, p. 5-30.

ROHLING, N. As bases epistêmicas da análise dialógica do discurso na pesquisa qualitativa em linguística aplicada. *L&S Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 15, p. 44-60, 2014.

SILVA JÚNIOR, S. N.; SANTANA, W. K. F. Abordagem dialógica no ensino de língua portuguesa: táticas para se desviar do método formal. *Humanidades & Inovação*, v. 7, p. 284-293, 2020.

SILVA JÚNIOR, S. N. *Produção oral sistematizada em atividades didáticas de língua portuguesa: um trabalho colaborativo no ensino fundamental*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, 2019.

VOLOCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

ZOZZOLI, R. M. D. Linguística Aplicada como campo multidimensional e dialógico: um percurso no tempo-espaço de uma universidade do Nordeste. (no prelo).

ZOZZOLI, R. M. D. Transdisciplinaridade e plurivocidade. In: SOUTO MAIOR, R. C.; ZOZZOLI, R. M. D.; SILVA, G. A.; OLIVEIRA, E. V. M.; LUZ, L. S. F.; SILVA JÚNIOR, S. N.; AZAMBUJA, K. B. B. (Orgs.). *Estudos discursivos das práticas de linguagem*. Tutoia: Diálogos, 2020, p. 619-631.

ZOZZOLI, R. M. D. Produção e autonomia relativa na aprendizagem de línguas. In: LEFFA, V, J. (Org.). *Pesquisa em linguística Aplicada: Temas e métodos*. Pelotas: EDUCAT, 2006, p. 54-84.